O PAPEL DOS EDUCADORES NA CRIAÇÃO DE CANTINHOS ESTÉTICOS EM CRECHES: DESAFIOS E BOAS PRÁTICAS

MARIA JULINHA DE SOUZA PESSOA

RESUMO
Nos primeiros anos de vida, os educadores exercem papel essencial ao transformar os espaços das creches em cantinhos estéticos que, mais do que visualmente agradáveis, promovem cuidado, vínculo e desenvolvimento integral, mesmo diante de desafios estruturais e formativos. Dessa forma, desenvolvi essa pesquisa com foco na revisão bibliográfica acerca do papel dos educadores na criação de cantinhos estéticos dentro de creches, ao qual foram utilizados de 8 artigos base para sua elaboração. Dessa forma, podemos apresentar que a criação de cantinhos estéticos nas creches, conduzida por educadores sensíveis e intencionais, é uma prática pedagógica fundamental que transforma o ambiente em espaço acolhedor, estimulante e ético, promovendo o desenvolvimento integral, a autonomia e o afeto na infância, mesmo diante de desafios como falta de recursos e formação. Sendo assim, a criação de cantinhos estéticos nas creches, conduzida com sensibilidade e intencionalidade pelos educadores, revela-se um gesto pedagógico e ético que valoriza a infância, promove o desenvolvimento integral e transforma o espaço em território de afeto, expressão e aprendizagem significativa.
Palavra-chave: pedagogia; cantinhos estéticos, educação infantil.

INTRODUÇÃO

Nos primeiros anos de vida, as crianças constroem sua percepção de mundo por meio das experiências que vivenciam, dos vínculos afetivos que estabelecem e dos ambientes que exploram diariamente. Nesse processo, os espaços físicos das creches ultrapassam sua função básica de abrigo e se configuram como territórios vivos de significação, descobertas e aprendizagens. É dentro desse cenário que o papel do educador se revela fundamental, sobretudo na criação de cantinhos estéticos, espaços planejados com intencionalidade pedagógica e sensibilidade para estimular o desenvolvimento integral das crianças. Mais do que simples áreas delimitadas para brincar ou realizar atividades específicas, esses cantinhos se tornam convites à imaginação, à autonomia, à criatividade e ao exercício das múltiplas linguagens infantis.

A organização estética desses espaços não se resume a aspectos visuais ou decorativos, mas envolve uma composição sensível de elementos como iluminação, cores, texturas, disposição dos objetos e até a forma como o silêncio ou os sons naturais são incorporados ao ambiente. A estética, nesse sentido, é compreendida como uma linguagem do cuidado, como uma forma de comunicar valores, acolher subjetividades e valorizar as expressões infantis. Inspiradas por abordagens como a Reggio Emilia, que considera o ambiente como o "terceiro educador", muitas práticas têm demonstrado que espaços bem-organizados e esteticamente pensados ampliam as possibilidades de aprendizagem, tornando o cotidiano da creche mais rico, significativo e prazeroso.

Entretanto, a construção desses cantinhos enfrenta inúmeros desafios no contexto educacional brasileiro. A escassez de recursos materiais, as estruturas físicas inadequadas, a sobrecarga de trabalho docente e a ausência de políticas de formação continuada que contemplem a dimensão estética da prática pedagógica são obstáculos recorrentes. Ainda assim, muitos educadores, movidos por compromisso, criatividade e afeto, reinventam seus espaços a partir do que têm disponível, transformando materiais simples em recursos valiosos, escutando ativamente as crianças e ressignificando a rotina com sensibilidade e atenção às pequenas potências do cotidiano. Essas iniciativas revelam que, mesmo diante das adversidades, é possível construir práticas que aliam estética, pedagogia e cuidado.

Refletir sobre o papel dos educadores na criação de cantinhos estéticos em creches, portanto, é reconhecer que os ambientes falam, educam e comunicam intenções. É entender que a beleza não está apenas no que

é visto, mas também no que é vivido, nas relações que se tecem, nas escutas que se abrem e nos gestos que respeitam a singularidade de cada criança. Ao investir na criação de espaços que acolhem e encantam, os educadores reafirmam seu compromisso ético e pedagógico com uma infância plena, potente e respeitada, reafirmando a estética como um direito e uma necessidade no universo da educação infantil.

DESENVOLVIMENTO

Siemsen e Stoltz (2025) nos convidam a olhar com mais sensibilidade para o papel dos educadores na relação com crianças pequenas, especialmente na criação de ambientes acolhedores e esteticamente significativos nas creches. Mais do que simplesmente organizar um espaço bonito, o educador é chamado a cultivar relações que favoreçam a escuta, o vínculo e o encantamento, construindo cantinhos que se tornem verdadeiros cenários de descoberta, expressão e afeto.

Nessa perspectiva, Carvalho (s/d) propõe uma reflexão profunda sobre como a organização dos cantinhos temáticos na educação infantil pode transformar a rotina escolar em um processo rico de aprendizagens, interações e desenvolvimento da autonomia. A criação desses espaços, longe de representar um simples recurso visual, revela uma proposta pedagógica que valoriza o lúdico, o simbólico e o direito da criança de experimentar o mundo por meio da brincadeira. É nesse cenário que o papel do educador se fortalece como mediador e organizador consciente do ambiente em que a infância se manifesta com plenitude.

Bissaco et al. (2015) analisam o papel do educador na construção de ambientes estéticos na educação infantil, propondo uma reflexão sobre como o espaço escolar pode se tornar um meio ativo de aprendizagem, e não apenas um suporte físico. Ao considerar a estética como parte essencial do cotidiano educativo, os autores destacam que a forma como o ambiente é organizado revela valores pedagógicos e concepções de infância. Nesse contexto, o educador tem a função de significar o espaço, tornando-o acolhedor, estimulante e propício ao desenvolvimento integral da criança.

Bourscheid e Barbosa (2020) discutem a importância de uma formação docente que valorize a sensibilidade estética e poética na educação de crianças pequenas, reforçando que a estética não deve ser vista apenas como adorno visual, mas como uma dimensão fundamental da experiência pedagógica. As autoras defendem que é por meio da sensibilidade, da escuta e do olhar atento que o educador pode criar espaços significativos, que comuniquem afeto, curiosidade, respeito e encantamento.

De forma semelhante, Oliveira e Andrade (2023) propõem uma reflexão profunda sobre como a estética na Educação Infantil vai além do belo ou do decorativo. Para as autoras, pensar a estética na prática docente é, sobretudo, assumir uma postura ética e política diante da infância. Assim, a maneira como os espaços são organizados, os materiais são oferecidos e o cotidiano é construído revela o olhar do educador sobre a criança, suas capacidades, seus direitos e o mundo que se deseja construir em parceria com ela.

Os chamados "cantinhos" são abordados como espaços temáticos cuidadosamente pensados, que permitem à criança interagir com diferentes linguagens, materiais e experiências. Bissaco et al. (2015) relatam que esses ambientes favorecem a autonomia, a criatividade, a socialização e a formação da identidade infantil, além de permitirem múltiplas formas de expressão. Cabe ao educador, portanto, não apenas montar os espaços, mas observar e escutar atentamente as crianças para que o ambiente reflita suas necessidades e interesses reais.

Segundo Carvalho (s/d), os espaços escolares refletem e influenciam diretamente o comportamento das crianças. Quando bem pensados e estruturados, os cantinhos temáticos permitem que os pequenos explorem, criem, interajam e aprendam com mais liberdade, promovendo o desenvolvimento cognitivo, emocional, social e motor. A organização dos cantos, conforme o artigo, está diretamente ligada à valorização da cultura da infância e da escuta ativa, exigindo do professor uma postura investigativa, aberta ao novo e sensível às necessidades e interes-

ses do grupo.

Siemsen e Stoltz (2025) mostram que os cantinhos estéticos são lugares cuidadosamente planejados, que valorizam os gestos suaves, o tempo da criança, o uso de materiais naturais e simples, e a escuta atenta do adulto. São nesses espaços que a criança explora o mundo, se expressa, brinca, experimenta e se sente pertencente. Tudo isso é possível quando o professor está presente de forma inteira, com o corpo, com o olhar e com o coração.

Para Oliveira e Andrade (2023), a criação de cantinhos estéticos nas creches é um gesto pedagógico intencional. Não se trata de seguir modismos ou copiar modelos prontos, mas de criar ambientes sensíveis que dialoguem com as experiências das crianças e estimulem sua autonomia, curiosidade e expressão. Esses cantinhos são pensados a partir da escuta, da observação e da convivência com os pequenos, e são organizados para proporcionar vivências significativas, respeitando os tempos, os interesses e as potências de cada grupo.

Entre os principais desafios, Bissaco et al. (2015) apontam a falta de formação dos professores para compreenderem o espaço como elemento educativo e estético. Muitas vezes, as salas ainda seguem modelos padronizados, que limitam a liberdade e a curiosidade das crianças. Outro desafio recorrente é a ausência de tempo e de investimento institucional para que os professores possam planejar e adaptar os cantinhos com criatividade. Há ainda o esforço constante para superar a ideia de que a estética é apenas enfeite, quando, na verdade, está profundamente ligada ao bem- estar, à afetividade e à construção de vínculos com o espaço e com os outros.

Apesar das dificuldades, Bissaco et al. (2015) apresentam boas práticas de educadores que investem na criação de cantinhos temáticos como os de leitura, casinha, música, faz-de-conta, entre outros. Esses espaços são pensados com materiais acessíveis, muitas vezes reutilizáveis, e adaptados conforme os interesses observados nas crianças. Os professores atuam como mediadores sensíveis, estimulando a participação, o respeito e o envolvimento coletivo na construção dos ambientes.

Nesse sentido, Bourscheid e Barbosa (2020) afirmam que o papel do educador se amplia: ele não apenas ensina conteúdos, mas também cria atmosferas. A criação dos cantinhos estéticos em creches é um desdobramento concreto dessa postura pedagógica. O educador age como um curador do cotidiano, capaz de perceber o que toca, provoca e mobiliza as crianças, utilizando elementos simples para produzir experiências significativas.

A formação de cantinhos como os de leitura, teatro, artes, faz-de-conta e música amplia o repertório cultural das crianças e cria oportunidades de vivência estética e afetiva, conforme os estudos de Carvalho (s/d). Mesmo quando montados com materiais simples, esses espaços, organizados com intencionalidade, tornam-se aliados da aprendizagem, pois envolvem as crianças em experiências significativas e incentivam sua participação ativa.

Carvalho (s/d) também evidencia os desafios enfrentados pelos professores. Muitos ainda demonstram insegurança quanto aos objetivos desses cantinhos ou não recebem formação suficiente para compreender sua importância. A falta de tempo, de planejamento coletivo e de apoio institucional dificulta a criação de ambientes ricos e diversificados. Ainda assim, com criatividade, afeto e escuta atenta, muitos educadores reinventam suas práticas e constroem espaços encantadores e eficazes para o aprendizado.

Outro ponto forte levantado por Carvalho (s/d) é a importância de ambientes que promovam liberdade, autonomia e bem-estar. A organização do espaço deve evitar poluição visual e respeitar os momentos individuais e coletivos das crianças. Cantinhos bem planejados encantam, comunicam intenções educativas, promovem a socialização, a expressão das emoções e a formação da identidade. Tudo isso só é possível quando o professor compreende que o espaço também educa — ele fala, acolhe e transforma.

Bourscheid e Barbosa (2020) chamam atenção para a necessidade de formações docentes que estimulem a sensibilidade, o olhar atento, o encantamento com o cotidiano e a valorização da linguagem artística e simbólica. Esse é um grande desafio, já que ainda predomina uma visão técnica, objeti-

va e acelerada do fazer pedagógico. Muitos professores não têm acesso à reflexão estética-poética da prática e, por isso, organizam os espaços de forma funcional e pouco expressiva.

Siemsen e Stoltz (2025) destacam que práticas como essas não surgem por acaso. Elas são fruto de um processo de formação contínua e de abertura para novas formas de ser e de estar com as crianças. Muitos educadores relatam que, no convívio diário com os pequenos, desenvolveram uma sensibilidade maior para perceber os detalhes, os gestos e as pequenas descobertas feitas pelas crianças. Essa percepção permite criar cantinhos que acolhem, encantam e fazem sentido.

Oliveira e Andrade (2023) apontam que o professor não apenas "monta" o espaço, mas atua como sujeito ativo na criação de ambientes que educam e comunicam. Ao escolher materiais diversos, privilegiar elementos naturais e cuidar da iluminação, do som e da circulação, o educador constrói um ambiente que fala de acolhimento, respeito e liberdade. Isso é profundamente político, pois revela compromisso com uma infância que brinca, experimenta, questiona e se expressa em múltiplas linguagens.

Esse processo não acontece de forma automática. Muitos educadores enfrentam barreiras como a falta de formação estética, rigidez curricular e sobrecarga de trabalho. Além disso, a estética muitas vezes é vista como acessório, e não como parte essencial da prática pedagógica, dificultando a construção de espaços vivos e significativos.

A proposta de Bourscheid e Barbosa (2020) vai na contramão dessa lógica, apontando que a estética do espaço está ligada à ética do cuidado e à valorização da infância como tempo presente. Criar cantinhos estéticos é um gesto político: oferecer às crianças um ambiente que acolhe suas linguagens, promove o brincar livre, estimula os sentidos e reconhece sua potência de criação. É permitir que os espaços falem com intenção, respeitando o tempo, o silêncio e as possibilidades de reinvenção.

Siemsen e Stoltz (2025) também abordam os desafios enfrentados pelos profissionais, como a falta de tempo, materiais, espaços adequados e formação sensível. Ainda assim, mesmo em contextos limitados, muitos educadores reinventam seus ambientes com criatividade e afeto, utilizando elementos do cotidiano e da natureza para enriquecer a experiência das crianças.

Baseando-se na perspectiva histórico-cultural de Vygotsky, Carvalho (s/d) destaca o brincar como ferramenta essencial para o desenvolvimento. É por meio da brincadeira simbólica que a criança representa, cria e ressignifica suas experiências. A escolha dos cantinhos e a forma como são usados revelam o olhar pedagógico do educador, seu compromisso com a escuta, a liberdade e o protagonismo infantil.

Ocorre que a importância dos cantinhos pedagógicos na educação infantil também é amplamente discutida por Gadani (2017), que ressalta o caráter lúdico e intencional dessas estruturas na rotina escolar. Segundo a autora, os cantinhos não apenas organizam o espaço de maneira atrativa, mas funcionam como estratégias de ensino que integram o brincar com o aprender, respeitando os tempos e interesses das crianças. Através da brincadeira orientada, o educador potencializa a construção do conhecimento de forma prazerosa, promovendo autonomia, criatividade e interação entre os pequenos. Esse olhar para o brincar como ferramenta pedagógica valoriza a infância em sua essência e coloca o professor em posição de escuta e de mediação sensível.

Siemsen e Stoltz (2025) reforçam que a experiência estética vai além da aparência. Envolve presença, cuidado e afeto. É sobre como o professor se aproxima da criança, respeita seus ritmos e necessidades, e cria um ambiente onde ela se sinta livre para ser quem é e se desenvolver de forma plena.

Entre as boas práticas mencionadas por Bourscheid e Barbosa (2020), destaca-se o uso de materiais naturais, a disposição cuidadosa dos objetos, atenção à iluminação e som ambiente, e flexibilidade para reorganizar os espaços conforme os interesses das crianças. O espaço é visto como algo vivo, que se transforma com a escuta e a participação das crianças.

Oliveira e Andrade (2023) demonstram esperança ao mostrar experiências de professores que, mesmo diante das dificuldades, reinventam suas práticas a partir de uma

postura reflexiva e cuidadosa. Criam cantinhos onde as crianças exploram com liberdade, imaginam novas realidades e vivenciam o mundo com poesia e afeto.

Além disso, Lima e Bhering (2006) reforçam a relevância dos ambientes de creche como promotores do desenvolvimento infantil, enfatizando que o espaço educativo não é neutro, mas comunica intencionalidades e valores pedagógicos. Os autores afirmam que a qualidade das interações e da organização dos ambientes está diretamente relacionada ao bem-estar e à aprendizagem das crianças pequenas. Nesse contexto, os cantinhos estéticos e temáticos assumem um papel de destaque, por ampliarem as oportunidades de vivência, linguagem e expressão, enquanto revelam a sensibilidade e o compromisso ético do educador com a infância.

Siemsen e Stoltz (2025) evidenciam que os cantinhos estéticos só ganham vida quando há intencionalidade e sensibilidade por parte do educador. É nesse encontro entre criança, espaço e professor que se constroem experiências ricas, humanizadas e transformadoras. Em um mundo acelerado, esse olhar mais atento e respeitoso para a infância é uma poderosa forma de educar.

A estética é compreendida por Oliveira e Andrade (2023) como um direito das crianças e uma forma de resistência à educação padronizada. Criar espaços que emocionam, despertam a curiosidade e respeitam a singularidade de cada criança é uma escolha política que reafirma a potência da educação infantil como espaço de liberdade, cuidado e transformação.

Bissaco et al. (2015) também enfatizam que a estética não está apenas na aparência, mas nas relações promovidas pelos espaços. Ambientes com cantinhos bem- organizados promovem o desenvolvimento da linguagem, imaginação e relações interpessoais, permitindo que a criança experimente o mundo de forma segura e significativa. O educador que entende o espaço como aliado pedagógico atua com intencionalidade e sensibilidade, promovendo uma educação mais rica, afetiva e conectada às necessidades da infância.

Corroborando essa perspectiva, Guterres et al. (2024) argumentam que os cantinhos pedagógicos são fundamentais para o desenvolvimento de habilidades sociais, cognitivas e emocionais na educação pré-escolar. Os autores destacam que esses espaços, quando bem-organizados e alinhados à proposta pedagógica, favorecem o protagonismo infantil e a exploração ativa do ambiente, estimulando o pensamento crítico e a cooperação entre as crianças. Os educadores, por sua vez, assumem o papel de planejadores e observadores atentos, capazes de adaptar os espaços às necessidades do grupo, garantindo um ambiente acolhedor, provocador e significativo.

Carvalho (s/d) reforça que a organização dos cantos deve ser uma escolha pedagógica que valoriza a infância em sua totalidade. Ao promover espaços diversos e acessíveis, o educador contribui para uma rotina motivadora e rica em significados, onde cada criança se sente pertencente, respeitada e incentivada a construir seus próprios caminhos de aprendizagem. A criação de cantinhos estéticos e temáticos nas creches é um ato de compromisso com uma educação mais humana, criativa e transformadora.

Por fim, Bourscheid e Barbosa (2020) defendem que a construção de ambientes estéticos e sensíveis não se limita a uma tarefa decorativa, mas é um ato formativo profundo. Exige presença, escuta, intuição e compromisso com uma pedagogia atenta às pequenas grandes coisas do cotidiano. Os cantinhos estéticos tornam-se lugares de afeto, encontro, experimentação e autoria, e sua existência depende do olhar comprometido de professores que enxergam no ambiente uma extensão da própria prática pedagógica.

DISCUSSÃO

A criação de cantinhos estéticos nas creches é uma prática que vai muito além de embelezar os espaços. Trata-se de uma ação pedagógica que traduz a forma como o educador enxerga a infância, compreende o desenvolvimento infantil e se posiciona diante da sua própria função educativa. Os cantinhos, sejam eles de leitura, faz de conta, exploração sensorial ou artes, são pequenos universos organizados com intencionalidade, sensibilidade e escuta. Eles carregam uma proposta que valoriza a experiência da criança, per-

mitindo que ela interaja com o ambiente, descubra novas possibilidades e manifeste suas emoções, pensamentos e desejos. É por meio desses espaços cuidadosamente pensados que os pequenos se sentem mais seguros, acolhidos e curiosos, encontrando liberdade para brincar, aprender e criar.

O papel do educador nesse processo é, portanto, central. É ele quem observa, planeja, organiza e transforma o ambiente com base nas necessidades, interesses e singularidades das crianças. Como destacam autores como Faria (2002) e Gandini (2017), o ambiente pode e deve ser considerado um educador em si, pois influencia diretamente o modo como a criança se relaciona consigo, com o outro e com o mundo. Criar cantinhos estéticos requer que o professor tenha um olhar atento ao cotidiano, que seja capaz de enxergar nos detalhes uma oportunidade de aprendizagem e que compreenda a importância da beleza, da harmonia e do cuidado como parte do processo educativo. A estética, nesse contexto, não é luxo, mas uma linguagem do afeto e do respeito à infância.

Entretanto, essa prática exige enfrentamento de desafios concretos. Muitos profissionais da educação infantil atuam em contextos de precariedade, com poucos materiais, espaços físicos limitados, turmas numerosas e pouco tempo para planejamento e reflexão. Além disso, nem todos recebem uma formação inicial ou continuada que valorize a dimensão estética da docência ou que estimule a criação de ambientes intencionais. Conforme apontado por estudos como os de Felício (2015) e Sousa (2018), é comum que os educadores improvisem com o que têm à disposição, muitas vezes recorrendo a materiais recicláveis e à sua própria criatividade para montar cantinhos que encantem e promovam o desenvolvimento das crianças. Ainda assim, essas experiências revelam o compromisso ético e pedagógico dos professores com uma educação infantil mais sensível, respeitosa e rica em possibilidades.

As boas práticas surgem, justamente, da capacidade de escuta dos educadores, da sua disposição em observar os gestos, as falas e os interesses das crianças, e de adaptar o ambiente de forma a favorecer novas descobertas. Um cantinho bem organizado é aquele que convida a criança a entrar, explorar, se demorar e retornar. Ele fala com delicadeza, oferece segurança e promove autonomia. Como propõe a perspectiva da Reggio Emilia, amplamente discutida por Gandini (2017), o espaço é visto como um "terceiro educador" e deve dialogar com a criança, estimular sua curiosidade e permitir que ela se expresse com liberdade.

Além disso, a estética não se resume ao que é visualmente bonito. Ela também se expressa na ordem, na acessibilidade dos materiais, na suavidade dos sons, na organização que permite o livre acesso e no respeito ao ritmo de cada criança. Como abordado por Machado (2013) e Siemsen & Stoltz (2025), um ambiente estético é aquele que comunica cuidado, que acolhe a subjetividade infantil e que se constrói como um espaço ético de convivência. A formação docente voltada para essa sensibilidade é, portanto, urgente e necessária. É preciso formar professores que saibam olhar para o ambiente com criticidade, que compreendam sua função como mediadores de experiências significativas e que se sintam valorizados em sua capacidade criativa.

Dessa forma, discutir o papel dos educadores na criação de cantinhos estéticos em creches é refletir sobre os caminhos possíveis para garantir uma educação infantil mais humana, mais próxima das crianças e mais comprometida com o seu bem-estar e desenvolvimento integral. É reconhecer que cada cantinho criado com cuidado é uma demonstração de afeto e de respeito pela infância. E é também afirmar que, apesar dos inúmeros desafios enfrentados no cotidiano escolar, existem práticas potentes sendo realizadas nas creches brasileiras, práticas que transformam espaços simples em lugares de encantamento, onde a infância pode florescer com liberdade, beleza e dignidade.

CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho, ficou evidente que os cantinhos estéticos nas creches transcendem a função de simples arranjos espaciais para brincar. Eles se afirmam como expressões concretas de uma pedagogia sensível, que reconhece a criança como sujeito potente, capaz de interagir, criar,

imaginar e transformar o mundo ao seu redor. Mais do que responder a uma demanda funcional, a criação desses espaços revela um compromisso profundo com a infância como tempo presente, rico em linguagens, curiosidades e descobertas.

A atuação do educador, nesse contexto, ganha um papel central e múltiplo: ele é organizador, observador, mediador, criador e, acima de tudo, cuidador. Seu olhar atento para os detalhes, sua escuta ativa das crianças e sua capacidade de transformar o cotidiano em experiência são elementos fundamentais para a construção de ambientes significativos. Os cantinhos se tornam, assim, territórios vivos de aprendizagem e afeto, nos quais a estética se entrelaça à ética, e o cuidado se manifesta na escolha de cada material, na organização dos objetos, na disposição do tempo e no respeito ao ritmo infantil.

Reconhecer a potência educativa dos espaços é também compreender que eles comunicam intenções, valores e concepções de infância. Cada ambiente montado com sensibilidade e escuta torna-se uma extensão da prática pedagógica do professor, refletindo não apenas seus saberes, mas também seus afetos, suas crenças e sua relação com as crianças. É nesse gesto de criar o espaço que o educador reafirma sua função social e política, pois oferecer às crianças ambientes que acolham, estimulem e respeitem sua singularidade é, sem dúvida, um ato de resistência diante de uma educação muitas vezes padronizada, apressada e distante do que a infância verdadeiramente precisa.

Apesar dos inúmeros desafios enfrentados, como a falta de tempo, de formação específica, de materiais adequados e de apoio institucional, o que se observa é que muitos educadores continuam firmes em sua escolha por uma educação estética, afetiva e comprometida com o bem-estar das crianças. Como revelam as práticas relatadas por diferentes autores ao longo deste trabalho, é possível reinventar os espaços a partir de uma pedagogia da escuta, da simplicidade e da intencionalidade. É possível transformar o ordinário em extraordinário, o improviso em beleza, o cotidiano em encantamento.

Conclui-se, portanto, que pensar os cantinhos estéticos nas creches é pensar em educação em sua forma mais plena: aquela que valoriza o olhar demorado, o tempo de qualidade, a linguagem dos gestos, dos silêncios e das brincadeiras. É afirmar que a estética não é luxo nem enfeite, mas uma linguagem do cuidado e do respeito. E que o professor, ao criar ambientes que comunicam sensibilidade e afeto, promove mais do que aprendizado: promove pertencimento, dignidade e alegria de viver a infância em sua essência. Em tempos tão urgentes por humanidade, essa escolha pedagógica se torna também um posicionamento ético, e profundamente transformador.

REFERÊNCIAS

BISSACO, CM; et al. O arranjo espacial em escolas de educação infantil: reflexões sobre a proposta fazer em cantos. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, v. 10, n. 4, p. 1319-1338, out/dez 2015.

BOURSCHEID, CC; BARBOSA, MC. Por uma formação estético-poética de professores de crianças pequenas: elementos para discussão. Revista do centro de ciências da educação, Florianópolis, v. 38, n. 3, p. 1-17, jul/set 2020.

CARVALHO, RCC. A organização dos cantinhos na rotina da educação infantil. S/D. Disponível em: <https://monografias.brasilescola.uol.com.br/pedagogia/a- organizacao-dos-cantos-na-rotina-educacao-infantil.htm?>. Acesso em 30/05/2025

GADANI, EF. Cantinhos pedagógicos: ensinando através das brincadeiras.
REP's, v. 8, n. 2, ed. 22, p. 749-762, ago/dez 2017.

GUTERRES, AM; et al. A importância dos cantinhos pedagógicos na educação pré-escolar. Sândalo, v. 1, n. 1, 2024.

LIMA, ABR; BHERING, E. Um estudo sobre creches como ambiente de desenvolvimento. Cad. Pesq., v. 36, n. 129, dez 2006.

OLIVEIRA, MFB; ANDRADE, ENF. Formação estética na educação infantil como ato político. Educação Temática Digital, Campinas, v. 25, e023065, p. 1-23, 2023.

SIEMSEN, F; STOLTZ, T. Experiência estética na relação entre professor e a criança bem pequena. ECCOS Revista científica, São Paulo, n. 72, p. 1-19, e26511, jan/mar 2025.